

CRÔNICAS QUE BRADAM: VOZES DA SAÚDE DO TRABALHADOR

CHRONICLES THAT CRY OUT: VOICES OF THE WORKER'S HEALTH

Eguimar Felício Chaveiro

Professor Titular nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia no
Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás –
IESA/UFG.

eguimar@hotmail.com

81

Resumo: Saúde do Trabalhador é um campo de saber e uma questão social. Surgiu do sofrimento dos operários explorados à exaustão pela circunstância social oriunda da Revolução Industrial. Passado séculos, os trabalhadores continuam explorados e adoecidos. Como componente do Blog multiplicadores de VISAT – Vigilância de Saúde do Trabalhador-FIOCRUZ- RJ -, foi criada a Coluna Opinião, espaço aberto a cronistas de diferentes partes do país. Com o objetivo de interpretar a cronística viva – e continua dessa Coluna, é que se constitui este trabalho. Para a sua realização, esboçou-se uma compreensão da cronística brasileira e a sua ligação com o jornalismo. Definiu-se algumas crônicas da Coluna demonstrando o habitus e o estilo que entranhou – e entranha – a escritura diversa e ampla das crônicas. Observou-se a aglutinação de crítica, informação e metáfora, daí a sua nomeação como “crônicas que bradam”.

Palavras-chave: cronística brasileira; saúde do trabalhador; habitus escriturístico; engajamento literário.

Abstract: Worker's Health is a field of knowledge and a social issue. It arose from the suffering of workers exploited to exhaustion by the social circumstances arising from the Industrial Revolution. Centuries later, workers are still exploited and sick. As a component of the VISAT Multipliers Blog – Worker's Health Surveillance-FIOCRUZ- RJ -, the Opinion Column was created, a space open to chroniclers from different parts of the country. With the objective of interpreting the living chronicles – and continues from this column, this work is constituted. For its realization, an understanding of the Brazilian chronicles and its connection with journalism was sketched. Some chronicles of the column were defined, demonstrating the habitus and style that ingrained – and instills – the diverse and broad writing of the chronicles. The agglutination of criticism, information and metaphor was observed, hence its nomination as “chronicles that cry out”.

Keywords: Brazilian chronicle; Worker's health; scriptural habitus; literary engagement.

Introdução

Já faz tempo, longo tempo, que literatos brasileiros encontraram nos jornais uma forma e um meio de enunciarem a sua voz ao público. A defasagem da sociedade brasileira no campo da educação formal, o triste fado ao que, por longo período, era denominado subdesenvolvimento, terceiro-mundismo, e, especialmente, a pobreza visceral da população da maior parte das regiões brasileiras, estabeleceram um espaço contido para os literatos serem lidos – e ouvidos.

A crônica foi, então, um canal de enunciação, de criação e de participação dos literatos na vida pública do país. Não à toa que a imensa maioria dos escritores reconhecidos no Brasil escreveu crônicas. Entre eles pode-se citar Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Rubem Braga, Hélio Pellegrino, Nelson Rodrigues, Moacyr Scliar e tantos outros. Deve-se a isso o fato de a cronística nacional, com timbre e estilo próprios, num só termo, sustentar financeiramente os literatos e os alçar ao espaço de interlocução com a sociedade brasileira. Como escoamento de sua voz, os jornais, e a sua semântica, iriam, lógico, intercederem no conteúdo e no estilo dessa cronística.

Este trabalho – ao versar sobre a crônica - se sustenta numa experiência de formação que teve início em 2016, quando, a partir de uma bolsa concedida pela FAPEG – Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Goiás – me possibilitou, por dois anos, executar um estágio de pós-doutoramento na FIOCRUZ-RJ – Fundação Oswaldo Cruz, mais precisamente no DIHS – Departamento de Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural, localizado na ENSP – Escola Nacional de Saúde Pública.

As intensas atividades de pesquisa, de estudos e a participação no Fórum intersindical Saúde – Trabalho – Direito, em torno do campo e da questão da “Saúde do Trabalhador”, suscitaram a nossa participação direta como cronista e leitor de textos sustentados pela Blog de Multiplicadores de Visat – Vigilância de Saúde do Trabalhador, hospedado em <https://www.multiplicadoresdevisat.com/>.

Médicos, enfermeiros, sindicalistas, Assistentes sociais, pedagogos, historiadores, psicólogos, geógrafos, advogados e um sem-número de profissionais de diversas formações, escrevem diariamente para a “Coluna Opinião”. O sentido de origem dos textos timbra o seu conteúdo. O *habitus escriturístico* das crônicas bradam

Building the way

83

contra a opressão do trabalhador; apresentam princípios e matizes teóricos que enunciam a interpretação oriunda da relação entre trabalho e saúde-doença; testemunham episódios trágicos e dramáticos de desastres ambientais ou de outras naturezas; demonstram a operação estratégica de empresas e de sua relação como o modelo hospitalocêntrico que faz fortuna com o adoecimento; palpitam sobre a conjuntura política com voz combatente; introduzem os leitores à peças poéticas ou musicais reveladoras da condição humana; exploram a relação entre Estado, luta de classes e acidentes de trabalho; reconstroem a memória da luta dos trabalhadores; ficcionalizam o drama corrente do trabalhador num país de imensas desigualdade social; denunciam os defensores do fascismo e da ditadura; evidenciam a relação entre caráter, afeto e desejo; fazem desdobrar as estatísticas do feminicídio, do suicídio, do homicídio e de mortes por acidentes de trabalho...Enfim, se dispõem a fazer a palavra se enfiar na realidade e da realidade se nutrir, nutrir com interrogação e com amorosidade.

Face a isso, expor-se-á o brado das crônicas da coluna Opinião do blog Multiplicadores de Visat - FIOCRUZ-RJ, a partir da premissa teórica esposada em Marquez (2014), Élis (2000) e Tezza (2012), para os quais a literatura tudo pode, menos mentir. Contudo, o seu vínculo com a realidade, aberta à imaginação, não se reduz ao relato de planfeto, à sloganização típica dos discursos redutores ou à escritura diarística. Trata-se de valer se da realidade humana num gesto de transcendência estética para, assim procedendo, universalizá-la. Dizer é, assim, uma forma humana de engajamento no mundo.

Um pouco sobre a crônica brasileira

A crônica brasileira é um gênero dentro do qual há várias, inúmeras espécies ou sub-gêneros. As de Paulo Mendes Campos (2015) e as de Hélio Pellegrino (1989) são crônicas-ensaios. A base científica ronda os episódios, os argumentos e as imagens de seus textos. Sem perder a literariedade e o frescor da escritura típica do gênero, os textos promovem interlocuções com postulados da psicanálise, da medicina e da politologia, sem perderem o condão da crítica, da ironia e do humor.

Há crônicas de viagem; de costumes; da vida urbana e de solfejos poéticos, como as de Drummond (2005) e Cecília Meireles (2016). Em muitos casos, como as

Building the way

de Meireles, suas crônicas são quase contos. Temas da universalidade humana caem levemente nos textos e suscitam imagens de raridade poética.

O olhar atento, a observação arguta, a sensibilidade poética, a sutileza do fato – e do feito – humano, se escrevem na cronística suntuosa e larga de Rubem Braga. Na crônica “O pavão” (1960, p. 149), o talhe do cronista se esplende:

Eu considerei a glória de um pavão ostentando o esplendor de suas cores; é um luxo imperial. Mas andei lendo livros, e descobri que aquelas cores todas não existem na pena do pavão. Não há pigmentos. O que há são minúsculas bolhas d'água em que a luz se fragmenta, como em um prisma. O pavão é um arco-íris de plumas. Eu considerei que este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com o mínimo de elementos. De água e luz ele faz seu esplendor; seu grande mistério é a simplicidade.

A leitura da cromática do pavão, o dado pictórico embutido na observação dessa ave misteriosa, e a interpretação física da ótica, se revolvem em imagens poéticas para, posteriormente, numa síntese exuberante, expor a função e a proeza do artista: a concisão, a simplicidade e o mistério. A abertura de linguagem e de propósito da crônica brasileira, o alargamento temático e sua fluência linguística, tal como na crônica “O Pavão”, de Braga (1960), são considerações do gênero. José Marques de Melo havia que,

A crônica que se pratica no Brasil a partir da década de 30 (1930), tendo em Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos seus principais cultores, representa uma continuação do gênero que Machado de Assis e José de Alencar haviam sedimentado em nosso jornalismo. Mas os novos cronistas lhe dão uma dimensão especial (MELO, 2003, p. 155).

O gênero livre da escrita, a possibilidade de interseccionar ficção, informação e narrativa, o poder de alcance do leitor, a agilidade do ritmo e a abertura temática, são características que fazem com que a crônica cumpra vários papéis. Sá (1997, p. 6), explica que,

a observação direta é o ponto de partida para que o narrador possa registrar os fatos de tal maneira que mesmo os mais efêmeros ganhem uma certa concretude. Essa concretude lhes assegura a permanência, impedindo que caiam no esquecimento, e lembra aos leitores que a realidade – conforme a conhecemos, ou como é criada pela arte – é feita de pequenos lances. Estabelecendo essa estratégia, Caminha estabeleceu também o princípio básico da crônica: registrar o circunstancial.

O cronista observa o que é mais sutil e circunstancial e eleva-os aos patamares universais, em que o entendimento se configura. Os “pequenos lances”, ou os índices, além de mostrarem como a vida comum se arquiteta, são revelações do tempo histórico de um determinado território. O vislumbre ao sutil enche o cronista de matéria de expressão. Tudo pode lhe render possibilidades ao dizer. É essa faculdade que transforma a crônica num campo de ação pedagógica e política.

O engajamento literário nas crônicas da coluna opinião

Chiwan Medeiros Leite, Bacharel em Comunicação Social, cronista da Coluna, expõe o que, para o campo e a questão da Saúde do Trabalhador, é central e fundante: a reflexão do trabalho como operador de vida. A sua crônica, cheia de interrogações conceituais, e de referências à conjuntura nacional, inclusive com a extinção do Ministério do Trabalho e Emprego, faz uma defesa do trabalho como pai da humanidade. A sua crônica se faz assim: “Trabalho ou Emprego - O futuro chegou”.

Se a robotização já era há décadas uma ameaça ao emprego, a incorporação tecnológica avassaladora é o próprio extermínio do trabalho. Ou será do emprego? Será de ambos? Ou não será? Bem, primeiro é preciso diferenciar emprego de trabalho. Por exemplo, quem está desempregado está sem trabalho? Recentemente foi extinto, no Brasil, o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). A partícula que une as palavras Trabalho e Emprego assegura que são coisas diferentes. Mas, como o referido instituto do Estado foi extinto, essa discussão talvez já não importe. Poderíamos dizer, por analogia, que se o MTE foi extinto, extintos também foram ... o trabalho e o emprego. Mas, ainda é cedo para afirmarmos que foram extintos. Ainda falta um pouquinho... Quer dizer, talvez somente um deles venha a ser extinto. Qual? No início da humanidade (supõe-se) não havia emprego, apenas trabalho. É uma boa dica. Também, por analogia, poderíamos dizer que, nos tempos atuais, caminhando a passos largos para o fim da humanidade (vide o caso brasileiro), talvez no apagar das luzes apenas sobre o emprego. (?) Estranho, pois com 13 milhões de desempregados, essa alternativa talvez não seja factível.

Nos ‘sites’ de propaganda e ofertas que inundam a internet quando se coloca a pergunta: “qual a diferença entre trabalho e emprego”, a grande maioria conceitua de forma similar. Selecionei um ‘site’ como amostra: ■ O emprego é o ofício

Building the way

que lhe dá dinheiro, e ele é desenvolvido exclusivamente com essa intenção. Você não gosta do que faz, mas se sente na obrigação de cumprir um horário por conta do valor que cai todos os meses em sua conta. Toda atividade que não te agrada, e é desempenhada exclusivamente para render lucro financeiro, se enquadra na palavra.

■ O trabalho, em contrapartida, é algo que é construído a partir de um ideal, um crescimento, uma contribuição para o mundo. O trabalho não tem valor financeiro, mas pode ser remunerado. Por exemplo, quem faz TRABALHO voluntário, faz isso por amor, por acreditar que pode contribuir, pela necessidade de criar um legado, deixar uma marca e fazer a diferença. E, entre outras palavras, a definição no mesmo site [<https://www.febracis.com.br/blog/diferenca-entre-trabalho-e-emprego/>] assinala: O trabalho enobrece o homem. O emprego, nem sempre.

Eu que há muito faço confusão com essas semânticas, por serem usadas de acordo com a ocasião e seus interesses, fico com dificuldade de empregá-las, ou melhor, trabalhá-las. Serão os desempregados nobres, já que o emprego nem sempre enobrece? E trabalhadores nobres sempre serão? Confusão. Os 13 milhões de trabalhadores desempregados... ih! ... de novo. Desempregado trabalha? Faz trabalho voluntário? Por amor? Talvez só consigam criar um legado, deixar uma marca e fazer a diferença. (?) Bem, 13 milhões de desempregados, ou seja, segundo a definição, aqueles que se conseguirem emprego não vão gostar do que farão (Você não gosta do que faz). E, (sempre) por analogia, existem desentramalhados? Se os 13 milhões de trabalhadores desempregados não trabalham, serão desempregados desentramalhados?

Eu achava que a Reforma Trabalhista ia resolver esse dilema, mas parece que há uma corrente teórica (bem antiga) que dá a entender que desempregado que não trabalha é vagabundo. Outra semântica provocativa que pode desviar o rumo. Já tem um desvio de rumo com os quase 5 milhões de desalentados dos 13 milhões de desempregados. Desalentados são desempregados, desentramalhados e vagabundos?

Uma outra corrente teórica (também antiga) diz que existem empregados vagabundos. Servidores públicos? Muita confusão p'ra minha cabeça. Parece que o futuro do trabalho se não chegou, está chegando, rapidamente. Desempregados desentramalhados desalentados vagabundos. É... vou mudar de assunto... Super-ricos no Brasil lideram concentração de renda global. Segundo o Relatório da Desigualdade Global, da Escola de Economia de Paris, o Brasil é hoje o país

Building the way

democrático que mais concentra renda no 1% do topo da pirâmide. [https://temas.folha.uol.com.br/desigualdade-global/brasil/super-ricos-no-brasil-lideram-concentracao-de-renda-global.shtml] Notícia de 20 de agosto de 2019, não consigo (mudar de assunto).

É muita confusão. Como bacha-réu em comunicação social, o convite para escrever nessa coluna sobre as mídias e a questão do trabalho me colocou numa situação de desalento, desculpem, essa palavra é muito forte para o que estou sentindo. Sinto-me desafiado e algo incompetente. Por aqui passam especialistas, doutores e pessoas experientes no tema.

Nessa minha primeira incursão, só tenho uma certeza: tenho que tomar cuidado com o emprego das palavras e sei que vai me dar trabalho”.

O sentido crítico do texto a partir de uma ironia fina e humorada, o uso de informações em sites especializados, têm no fundo uma mira: mostrar a importância humana do trabalho e criticar a extinção do Ministério do Trabalho e do Emprego, bem como a Reforma trabalhista. Além disso, o trabalho literário com mãos na criatividade procede o que é a gravidade da literatura: estender o léxico; operar uma crítica de linguagem; arrancar possibilidades das palavras dizerem o mundo e os sonhos humanos.

Numa crônica publicada em 04/07/2019, Fabritzio Favasch Rodrigues, ativista social e sindical, membro do Observatório do Trabalho Latino-americano, narra na crônica “As diversas faces da indústria da morte”, a junção entre a fábrica que vende armas e a lucratividade auferida pelo medo. O texto prossegue assim:

“Que há uma indústria da morte, já se sabe de há muito. A indústria bélica e de armas vive da morte. Sua participação no PIB mundial varia entre 3 e 4%. Já a indústria da violência que produz a indústria da segurança, também vinculada à indústria das armas, é mais recente e ainda mais lucrativa. Por ora não há estimativa de sua participação no PIB mundial. A indústria bélica (que “garante a ordem” entre as nações) e a indústria da violência social (que “garante a ordem” dentro das próprias nações) são processos interdependentes que compõem uma nova cadeia produtiva, cujo produto final é, também, a morte, ou os mecanismos para evitá-la.

Dados recentes sobre a segurança privada (apenas no setor formal) mostram, no Brasil, um faturamento da ordem de 50 bilhões de reais (2015) em franco crescimento. É um setor imune à crise. Emprega, no setor formal em torno de 650 mil

Building the way

trabalhadores “seguranças” - grande parte armados - contingente maior do que o contingente policial civil e militar brasileiro (em torno de 550 mil).

Não estão nesses cálculos os gastos com segurança, menos direta, ou seja, aqueles em que as armas propriamente ditas não são visíveis, mas apenas a possibilidade de que elas apareçam para causar o seu objetivo, ou seja, a morte. Neste segmento, muito diluído em termos de setores produtivos, existe uma infinidade de atividades de segurança.

Algumas delas: blindagem de automóveis, gradeamento de edifícios e casas, dispositivos de alarme e vigia (câmeras de segurança, dispositivos eletrônicos visuais, sonoros e de conexão), equipamentos de defesa pessoal (sprays, soqueiras, armas brancas, coletes), academias e clubes especializados, treinamento de cães de guarda, equipamentos diversos para veículos, mídias comerciais e cursos on-line, entre inúmeros outros. É bem verdade que o número de trabalhadores envolvidos nesses segmentos, ainda que não dimensionado, é de se supor que atinja a casa dos milhões em todo o Brasil. É uma “boa” garantia de empregabilidade, por ter um mercado com perspectiva de crescimento permanente, ainda mais em vigência de governos belicosos arautos da defesa individual dos cidadãos.

Ocorre que esses setores produtivos geram emprego voltados exclusivamente para NADA, a não ser para o MEDO social. Seus valores civilizatórios agregados são nulos. No setor primário não produzem alimentos nem produtos extrativos, portanto nem são commodities que poderiam impactar positivamente a balança comercial. No setor secundário não produzem manufaturados que concorrem para o conforto da vida em sociedade, tampouco produzem maquinários e equipamentos capazes de manter outros setores produtivos em atividade.

No setor terciário não produzem educação, saúde, transporte, habitação, cultura (exceto a cultura do MEDO), atividades que sustentam o avanço civilizatório das sociedades. Ao produzir NADA além do MEDO, a indústria da violência cria um paradoxo insustentável e difícil de ser resolvido. À medida que essa indústria cresce, e ela cresce sem parar, mais ela necessita do crescimento do MEDO.

Imagine-se uma sociedade sem MEDO e imagine-se o que esses setores “produtivos” de combate à violência o que fariam para manter esse combate ao MEDO. Qualquer raciocínio simples diria: “para manter a indústria do combate à violência em contínuo crescimento só mantendo a violência em contínuo crescimento!” Ou seja, é o MEDO, o insumo principal dessa indústria nefasta, em que os

Building the way

trabalhadores nela inseridos nada fazem além de vender a sua força de trabalho para sobreviver, como fariam em qualquer outra atividade, se tivessem oportunidade de escolher algo que NÃO dependesse do MEDO, inclusive do MEDO deles próprios, de suas famílias e da sociedade em que vivem.

Daqui da Colômbia, onde me encontro atualmente, após minha estadia em Roraima (que descrevi em colunas anteriores), recebi uma notícia de amigos brasileiros do Rio de Janeiro, sob o título “Traficantes de Jesus”. Esse tema, que tratarei da próxima vez, me parece que corrobora a impressão de que para a indústria da violência e manutenção do MEDO, entrar no território da fé religiosa pode ser mais uma estratégia”.

Conforme está explícito no texto, há uma cadeia produtiva envolvendo setores como a indústria bélica, a criação do medo, a indústria da violência e da segurança, a dominação geopolítica e, inclusive, os componentes simbólicos como a mídia, o cinema e a publicidade. O dueto morte e medo torna-se um grande negócio.

Na subjacência das linhas e das passagens, a crônica, ao positivar, sob a perspectiva capitalista, o medo, a violência e a morte, age literariamente para fazer uma crítica à sociedade burguesa. O vislumbre capitalista coordenado entre indústria e mercado encontra na vida urbana o lugar para se sedimentar. Observa-se que a cidade, especialmente as médias e as metrópoles, sob o jugo do medo e da violência, se rendem à aparatos como alarmes, câmeras, muros, inclusive, cães.

Próxima a uma reportagem, ou a um noticiário de imprensa, a crônica, escrita de forma direta, se apossa de números e de uma tonalidade crítica. Coincidente ou deliberadamente, a sua publicização ocorreu na circunstância quente da defesa do governo brasileiro pela política de armamento. Embora, o escritor seja colombiano, a sua visada em torno da América latina, foca o Brasil.

País fortemente urbanizado, de população concentrada em grandes metrópoles e de altos índices de violência, opera a indústria da morte e o comércio do medo. A experiência humana nas cidades torna-se uma espécie de aventura face à violência.

Numa crônica, publicado no Blog, em 18-09-2020, denominada “O SINAL”, o cronista goiano, Rodrigo Emídio Silva, que é também geógrafo e Professor na rede estadual e municipal Goiânia/Goiás; e membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/Goiás, com fluência literária e geográfica, apresenta o texto:

Building the way

“Olha a laranja!”, grita um menino que passa pela porta do passageiro. “Goiaba, Goiaba!”, fala outro que pula da ilha e corre até um carro que está atrás do meu. Olho pelo retrovisor, o homem levanta o braço – gesto semelhante ao de quem pede cerveja. Sai gente de todo lado - menino, homem, velho - uns correm, outros se seguram na muleta, os cadeirantes procuram um ponto menos movimentado. Espremem-se entre os carros, passam ligeiros, na briga contra os ponteiros. Estou parado num sinaleiro de uma das Ts de Goiânia. Essa cidade deu nome a várias avenidas de T, tipo: T-2, T-7, T-9. Não tenho a mínima ideia do porquê dessas avenidas terem nomes de T. Não sei ao certo, acho que estou no cruzamento de uma T com outra T.

Quanta falta de criatividade para batizar pavimentações! Se eu fosse dar nome ao asfalto, colocaria João Cabral de Mello Neto, Cecília Meireles, Clarice Lispector ou até Baudelaire. Jamais letra ou número. E as placas dessas avenidas não teriam setas de vire à direita, SIGA ou PARE, mas pequenos trechos de poemas de Drummond, como “É feia. Mas é uma flor, furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”.

No sinal, as coisas acontecem em diferentes velocidades. Deu bola vermelha, os carros vão parando e a galera sai correndo. O vendedor do sinal coloca 60 segundos na cabeça e dispara. Ele treinou o olhar para captar a vontade, percebe de longe que o sujeito quer comer goiaba. Não tem cumprimento e nem falsas conversas; fruta para dentro do carro e dinheiro para fora. Se a laranja não agrada, vai ao próximo freguês, aqui não é lugar de adulação. Até queria comer morangos, não vejo bandejinhas há algum tempo. Acho que o investimento não deu certo, essas frutas apodrecem rápido.

Goiânia tem anseios tecnológicos e o sucesso do sinal são os carregadores, capinhas e suportes de celular. Raquetes têm seu nicho de consumidores. Não se engane, leitor, não praticamos tênis, mas gostamos de eletrocutar mosquitos e muriçocas. Quando tostamos um pernillongo, fazemos uma cara de “bem-feito, quem mandou nascer muriçoca?!” A cereja do bolo é um “Enheinnn!!!”, exclamamos goianamente nosso antropocentrismo.

Coloco reparo num menino, da idade da minha filha, que passa carregando uma réstia de fios (minha filha ainda é criança), ele, não. Uma caminhonetona baixa o vidro, um bacana de camisa engomada pede um carregador, o menino-homem sente um ventinho gelado soprar no seu rosto ressequido de Sol. As desigualdades, nessas terras, estão até nas temperaturas atmosféricas. Um outro me pega distraído:

Building the way

ele esguicha água no meu para-brisa e passa um rodinho. Eu tento dizer que não quero, que não preciso, que não tenho dinheiro, mas é tarde. Fuço o bolso e não acho moedas, abro a carteira, vasculho o painel e nada de dinheiro. Pago o rapaz com vergonhosas desculpas, o meu troco é um sorriso amarelo. Uma certa vez, vi um cara dar uns 50 reais para um trabalhador que mendigava no sinaleiro.

Aquele lento homem pegou a esmola com um largo sorriso, o motorista fez uma cara de cristão satisfeito. “Será que o camarada é uma boa pessoa ou só fez uma graça para afagar seu próprio ego de homem bom?”. De qualquer forma, minha situação não era muito favorável para julgamentos, eu tinha acabado de dar um calote. Nos últimos 17 segundos, um menino que vendia chiclete foi atropelado por uma moto. Um rapaz mais velho ensaiou ajudá-lo, tinha um certo desespero, parecia que eram próximos, talvez irmãos. Ele estava esperando receber o pagamento do pacote de laranja, seus olhos firmavam desespero, a miséria segurou-o por mais um tempo; ele precisava receber. Um grito foi dado e nada daquele pequeno corpinho pular pro alto. Só faltam 5 segundos para o sinal abrir, ele corre para dar o socorro. Levanta o menino que tinha deixado pano e sangue no asfalto. Segurando no braço mais velho, o ferido, ainda capengando, vai de saci. Nossas ruas não são gentis como as de Chico Buarque, o corpo estendido não atrapalha o trânsito.

Desce uma gota de suor e me assusto com uma buzina desesperada. Fico olhando no retrovisor, aquela cena vai desaparecendo entre para-choques, capôs e roncões de motores. Contudo, eu sei que cenas semelhantes me esperam. Esse teatro real, ao céu aberto, queima esperanças e enrugam-se vidas. O trabalho informal é um drama que o suor e o vapor borram as frágeis maquiagens do respeito, entretanto, as máscaras dos espectadores estão bem amarradas com os elásticos da meritocracia”.

A partir de uma parada obrigatória e jurídica frente a um sinal, o cronista enverga a sua palavra igualmente ágil. A vida agitada da cidade, o enovelamento de veículos, trabalhadores informais e esquinas, o zunido e a fumaça de carros e de motoristas ansiosos, montam as cenas do texto que, conforme a temporalidade urbana, demarcam os parágrafos a partir da pressa.

A menção irônica à falta de criatividade dos gestores na codificação do nome das ruas interpondo números ao invés de nomes de grandes escritores nacionais vai, à frente, redundar na crítica à desigualdade social. Sem destilar nenhuma pena ou comoção, as imagens da crônica recuperam ações sutis e quase imperceptíveis, não fosse o olho perscrutador do cronista. Esse olho atento cumpre a

Building the way

sina fundamental da literatura: proceder uma devassa ao mundo humano e dele se valer para ficcionar.

Suor, buzina, rapidez no trabalho de jogar água no para-brisa do veículo, rostos carcomidos pelo sol a pino e movimentos frenéticos dos trabalhadores informais que sustentam a sua vida no trabalho em Sinais, são o prato cheio para o cronista ler a cidade pelo trabalho; e ver o trabalho como componente da cidade.

Ao ver crianças ou pré-adolescentes trabalhando, carregando peso além da sua capacidade etária, o jorro de sensibilidade lhe custa a palavra. O cronista lembra a sua filha em igual idade. Sem nenhuma explicitude, o seu ato de amor pela filha se transporta ao ato de amor pelo trabalhador mirim. Sem revolta, mas atento, o menino-homem, feito homem pela responsabilidade do trabalho, embora menino, pois menino é, marca a crítica na plataforma infinita das entrelinhas do texto. Contudo, o fato é real: trata-se da cidade desigual e quente.

Cronista do Blog desde o seu início, no dia 24/07/2020, o também pesquisador e estudioso da mineração no Brasil, Ricardo Júnior de Assis Fernandes Gonçalves, com a crônica intitulada “VILA DOS CONFINS E A PANDEMIA”, escreve:

“Vila dos Confins é o título de um livro de grande vulto na literatura regional mineira, escrito por Mário Palmério (1916-1996) e publicado em 1956. Na narrativa, Vila dos Confins é um lugarejo do sertão de Minas definido como espaço ficcional das peripécias de uma eleição política intoxicada por corrupção, fraudes generalizadas e opressão de coronéis contra os sujeitos locais”.

Mário Palmério fez da Vila uma metáfora universal do modo como se praticava política nos rincões profundos - e ainda se pratica mesmo nos centros hegemônicos copiosamente corruptos - do Brasil. Além do conteúdo político enredado no livro, na Vila dos Confins arvoram-se tipos humanos diversos, contadores de causos, garimpeiros, pescadores, agregados, peões e sertanejos.

Um universo indômito e ao mesmo tempo belo, simples e poético. Vastos chapadões, rios, veredas, matas e bichos compondo uma paisagem singular e na qual transitam homens e mulheres do sertão. Um território onde os eventos da vida são miúdos e acontecem no rés do chão. Contudo, Vila dos Confins é também uma metáfora usada neste texto para se falar de Santa Rosa dos Dourados – ou, simplesmente, Santa Rosa - um distrito povoado por cerca de quatrocentas pessoas, localizado no município de Coromandel/MG, mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

Building the way

Além do que, Vila dos Confins, pois possivelmente esse lugar do longínquo interior mineiro seja desconhecido por praticamente todos os leitores deste texto. Foi em Santa Rosa, no dilatado estado de Minas Gerais, que vivi até a idade de 15 anos. Uma parte de minha família ainda vive nele. É o lugar no qual costumo passar as férias de julho ou de fim de ano.

Nesse Distrito, os tipos populares locais, as práticas culturais tecidas pelos linguajares, culinária, trabalho, festas religiosas e relações de vizinhança; ou as desigualdades na distribuição de terras, os dramas humanos, os sonhos e o ambiente comunitário compõem um território único e ao mesmo tempo universal. Nas tardes desses gerais interioranos, em Santa Rosa, o sol toca com raios de ouro as costas das serras debruçadas nos horizontes; nas noites, estrelas bordam o céu enquanto as fases da lua ainda dizem do tempo de chuva, de plantio e de colheita das roças camponesas.

Assim, se romanceado, desse diminuto vilarejo desfraldariam também histórias extraordinárias como na pacata Macondo narrada por Gabriel G. Marquez em Cem anos de solidão. Estive em Santa Rosa pela última vez no final de janeiro de 2020. Logo, cerca de um mês antes do início da pandemia da Covid-19 no Brasil. Nos dias na Vila, um dos lugares que frequentei de maneira diuturna foi o “Empório do Hélder” - como é chamado -, localizado na praça central e de propriedade do meu padraсто e de minha mãe. Nele se vende desde doses de uma legítima cachaça mineira a verduras, pares de botina e botijões de gás. Todavia, além de comércio local, o Empório é um lugar de encontros entre parentes, amigos e vizinhos.

Nos finais de semana, por exemplo, a reunião de pessoas que vivem em propriedades rurais do entorno da Vila não ocorre só para as compras; no Empório elas reencontram amigos, jogam baralho, fazem negócios e contam casos. Ainda, tem a assiduidade de frequentadores como o Gaspazão, Waguinho, Maria Chiquinha, Evandro e Jairinho. Tenho relutância em imaginar o Empório sem a presença alvissareira desses sujeitos; sem a altivez do Gaspazão ao narrar seus ofícios meticulosos de trabalhador rural; sem as estórias mirabolantes do Waguinho, do Evandro e da Maria Chiquinha; sem a gentileza espontânea do Jairinho todas as vezes que nos encontramos.

São sujeitos raros, de mãos, rosto e existência urdidos no trabalho rígido; pessoas de gestos simples e de humanidade vultosos, encontradas no vasto interior do país, que tornam o mundo - ou Santa Rosa e o Empório -, mais denso e belo.

Building the way

94

Todavia, esse universo prosaico transformou-se nos últimos meses. Quando converso por telefone com minha mãe, com frequência pergunto sobre as pessoas conhecidas e as mudanças no lugar devido à pandemia da Covid-19. Logo, desde que a pandemia foi agravada no Brasil e as regras de distanciamento social foram acentuadas, o cotidiano e a sociabilidade em Santa Rosa e no Empório não são mais os mesmos. O medo chegou primeiro do que o vírus no distrito e, por isso, as pessoas saem pouco de suas casas. É raro ver o Sinvaldo, um senhor conhecido e que praticamente toda noite ficava de remanso em um dos bancos da praça. O Gaspazão sai de casa de modo fortuito, senta por alguns minutos no banco sombreado por uma gameleira em frente ao Empório e resabiado observa de longe algum conhecido transitar na rua. continua Eventualmente a Maria Chiquinha desfila com seus netos na praça central da Vila.

No Empório, os dias fluem sem movimento e reunião de pessoas. Diante disso, não só as vendas caíram, mas mudou-se a atmosfera dos causos intermináveis quando velhos amigos se encontravam; o vazio de pessoas provoca um vão de acontecimentos, narrativas e experiências humanas. Não se ouve mais as invencionices populares que giravam diante do balcão de vendas. E nem mesmo o Jairinho aparece nas manhãs para inaugurar os dias com seu sorriso obsequioso.

Finalmente, assim como a Vila dos Confins narrada no romance de Mário Palmério demonstra as especificidades e universalidades dos sujeitos, da cultura e da política nos abscônditos sertões; no distrito de Santa Rosa - e no “Empório do Hélder” -, homens e mulheres experimentados na vida dura do interior, inseridos em realidades de profundas desigualdades, alardeiam com suas histórias e sonhos.

Mas, a pandemia, esse evento global e de distintas implicações nos lugares e nas classes sociais, além de agravar as já mirradas economias locais, reduz o fabuloso encontro das experiências humanas. Por isso, falar de Santa Rosa e de sua gente é agir para que essa “Vila dos Confins” não seja olvidada; para que esse pequenino lugar do desmesurado território brasileiro não seja esquecido, especialmente em um momento em que o país naufraga nas aventuras de um governo cúmplice da tragédia da pandemia”.

A crônica, com teor sofisticado, deambula em três dimensões espaciais: a vila fictícia de Palmério, a Vila dos Confins; a Macondo, também fictícia de Gabriel Garcia Marquez e o distrito de Santa Rosa, real, especificamente o empório do Hélder

Building the way

que, nesse distrito, município de Coromandel-MG. A partir dessas dimensões espaciais a crônica é desenhada.

Ao se mostrar um leitor atento, sábio que o empreendimento metafórico, universaliza os pequenos índices e a vida pacata, com respeito e admiração, adverte para a vida abundante do interior de Minas Gerais. Esse intento ganha plausibilidade quando os tipos de sujeitos, trabalhadores rurais, gente da peleja diária, são reconhecidos como personagens reais. Mais que o reconhecimento, o que se alude são as suas histórias que transitam entre a peleja do trabalho e as lorotas de roça.

Com perícia, o texto chama o ambiente na qual se desenrola. Entre chapadões, rios, veredas, matas e bichos, não só se situam o povo simples do distrito referente do texto, mas o próprio cronista. A sua memória, atizada pela migração e, na circunstância direta, motivada pela covid-19, ganha sabor especial de significação. Um misto de nostalgia e de valorização do lugar em que nasceu e viveu até os 15 (quinze) anos, dá ao cronista à condição de olhar com o coração e de ver com a memória.

Sob a lâmina sutil do texto encontra-se a luta dos trabalhadores, o suor no rosto, o enfrentamento do sol cáustico, a responsabilidade de, com o seu corpo, produzir o mundo da qual pouco se apropria. Sem apelo e dramatização, o texto é cheio de belezas que, sem a crônica, poderiam ser despercebidas. É esta percepção, pelo fino desdobramento da palavra, que se enseja a crônica, essa – e outras.

O *habitus estilístico* e de conteúdo das crônicas da Coluna Opinião se planam num horizonte crítico. A crônica publicada em 04/02/2020, por Maria Helena Barros de Oliveira, intitulada “Se todo mundo sambasse seria tão fácil viver”, a de Sônia Gartner, publicado em 09/03/2020, denominada “Dançando às escuras”; a crônica “Subjetividade e Adoecimento: meu corpo é o mundo”, de Ana Carolina de Oliveira Marques, publicada em 26/03/2021, e outras, a partir de metáforas produzidas mediante poesia e música põe o dedo nas feridas do país. A crítica ao Estado, a reivindicação aos direitos humanos, o olho mirado à condição do trabalhador, a bandeira erguida em torno da emancipação e da liberdade, ganham as linhas das crônicas e das linhas caminham aos leitores.

Considerações finais

Diariamente cronistas de todas as regiões do Brasil publicam suas crônicas na Coluna Opinião do Blog Multiplicadores de Visat-FIOCRUZ-RJ. O plantel de cronistas, com formação intelectual, a mais diferenciada, e com faixas etárias que reúnem pessoas jovens e também a velha guarda do campo e da questão da Saúde do Trabalhador, elabora textos críticos, às vezes irônicos, metafóricos, poéticos, argumentativos.

Consoante ao gênero crônica, os textos da Coluna Opinião, embora formulados numa raia abrangente de estilos e temas, por se hospedarem num projeto de força histórica esmerado no engajamento político, como é a Saúde do Trabalhador, traçam premissas teóricas, definem veias de luta, convidam os leitores a uma compreensão basilar: não é possível haver saúde do trabalhador na condição de o trabalhador ser explorado e oprimido. Contudo, o adoecimento contínuo e sistemático, além de se originar da exploração do trabalho, alarga a fatura econômica do modelo hospitalocêntrico.

A centralidade hospitalar, ou o que é denominado de complexo industrial-médico-patogênico, faz fortuna e submete o saber médico aos dispositivos do adoecimento. Para esse complexo, os acidentes de trabalho, a exaustão física dos trabalhadores, os problemas e o sofrimento ambientais; a alimentação intoxicada; a vida urbana desatinada – e toda sorte – de problemas que afetam a idoneidade orgânica do trabalhador, são rentáveis.

Como se viu no texto, as crônicas da Coluna Opinião bradam contra esse mecanismo. E fazem do brado uma rica interlocução com informações de jornais, com episódios trágicos e dramáticos da vida social brasileira; com romances, poesia, música. O brado literário, no *habitus* da escritura que se lê na Coluna, vem leve, metaforizado, enunciado e recheado de criatividade.

Quando Gabriel Garcia Marquez (2014), diz que a arte não pode mentir e quando Tezza (2012) aborda que a ficção não é uma mentira, mas outra forma de se chegar à verdade, a cronística que se plasma na Coluna Opinião cumpre o papel de tocar o dedo na ferida. Os trabalhadores do Brasil estão adoecidos. Adoecidos estão professores, trabalhadores informais dos Sinais, motoristas de ônibus, gente desempregada e gente que teme perder o emprego.

Building the way

Entretanto, a literatura possui um tino libertador e, portanto, de promoção de saúde. A crônica brasileira, fiel companheira do jornalismo, como se viu, foi uma maneira dos literatos do país alçarem a sua voz no espaço público. É isso que foi constatado nos estudos endereçados às crônicas da Coluna Opinião. Mais que isso: o ato de fazê-las tem tido uma significação especial. Jovens escritores se desabrocharam; se encorajaram; e estão montando um veio estilístico. Um formato de escritura.

A junção entre crítica e estilo, entre metáfora e informação e a núpcia entre literatura e Saúde do Trabalhador, armam a arquitetura dessa cronística viva, combativa e bradante.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de; et al. *Elenco de cronistas modernos*. Rio de Janeiro, 2005.

BRAGA, Rubem. *Ai de Ti, Copacabana!* Editora do Autor: Rio de Janeiro, 1960.

CAMPOS, Paulo Mendes. *De um caderno cinzento: crônicas, aforismos e outras epifanias*. Organização, apresentação e notas Elvia Bezerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ÉLIS, Bernardo. *A vida são as sobras*. Goiânia: Kelps, 2000.

GARTNER, Sônia. *Dançando às escuras*. In: <https://www.multiplicadoresdevisat.com/artigos-de-janeiro-a-marco-de-2020>. Acessado em: 16.05.2021.

GONÇALVES, Ricardo Júnior de Assis Fernandes. *Vila dos confins e a pandemia*, in: <https://www.multiplicadoresdevisat.com/artigos-de-julho-a-setembro-de-2020>. Acessado em: 17.05.2021.

LEITE, Chiwan Medeiros. *Trabalho ou emprego – o futuro chegou*. In: <https://www.multiplicadoresdevisat.com/artigos-de-outubro-a-dezembro-de-20>. Acessado em: 18.05.2021.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. *Cheiro de Goiaba* (conversas com Plínio Apulevo Mendonza), Rio de Janeiro: Record, 2014.

MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MARQUES, Ana Carolina de O. *Subjetividade e Adoecimento: meu corpo é o mundo*. In: <https://www.multiplicadoresdevisat.com/artigos-de-janeiro-a-mar%C3%A7o-de-2021>, Acessado em: 16.05.2021.

Building the way

MEIRELES, Cecília. *Escolha o seu sonho*. Rio de Janeiro: Global Editora, 2016.

OLIVEIRA, Maria Helena Barros de. *Se todo mundo sambasse seria tão fácil viver*, In: <https://www.multiplicadoresdevisat.com/artigos-de-janeiro-a-marco-de-2020>, Acessado em: 17.05.2021.

PELLEGRINO, Hélio. *A Burrice do Demônio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

RODRIGUES, Fabritzio Favasch. *As diversas formas da indústria da Morte*. In: <https://www.multiplicadoresdevisat.com/artigos-de-julho-a-setembro-de-2019>. Acessado em: 17.05.2021.

SÁ, J. de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1997.

SILVA, Rodrigo Emídio. *O Sinal*. In: <https://www.multiplicadoresdevisat.com/artigos-de-julho-a-setembro-de-2020>, Acessado em: 17.05.2021.

TEZZA, Cristovão. *O espírito da prosa: uma autobiografia literária*. Rio de Janeiro: Record, 2012.